

SEPULTANDO SEUS ENTES: OS RITUAIS CATÓLICOS DE MORTE EM FLORIANÓPOLIS NA CONTEMPORANEIDADE

Artur Cesar Isaia¹
Julia Massucheti Tomasi²

Resumo: Procura-se analisar com este artigo, os diversificados rituais católicos de morte na cidade de Florianópolis (SC), no decorrer do século XX, por meio de variadas fontes escritas, imagéticas e orais. Destacam-se, deste modo, as diferentes formas de celebrações católicas de morte transmitidas entre os florianopolitanos de geração a geração, como as missas realizadas em intenção ao morto, os cortejos fúnebres, os velórios, os enterros e o dia de finados, no transcorrer do século XX.

Palavras-Chave: rituais funerários; catolicismo; contemporaneidade; Florianópolis.

BURYING THEIR LOVED: THE CATHOLIC RITUALS OF DEATH IN FLORIANÓPOLIS IN CONTEMPORARY

Abstract: It seeks to analyze this article diversified Catholic rituals of death in the city of Florianópolis (SC), during the twentieth century, through various sources, such as written, oral and imagery. Stand out in this way, the different forms of Catholic celebrations of death among “florianopolitanos” transmitted from generation to generation as Masses performed in intention to the dead, funeral processions, wakes, funerals and Memorial Day, in the course of twentieth century.

Keywords: funeral rites; catholicism; contemporary; Florianópolis.

Ninguém era enterrado sem ser lavado, não na cama, no leito, com esponja ou pano molhado, mas na banheira, banho geral, de corpo inteiro. Era horrível de assistir – e, neste século, por volta de 1912 ou 13, tive a oportunidade de espiar, sendo garôto, uma

¹ Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Desenvolveu estágio de pós-doutoramento na École de Hautes Études en Sciences Sociales em Paris e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professor Associado do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisador do CNPq; um dos Coordenadores do Laboratório de Religiosidade em Cultura da UFSC; Vice-Coordenador do GT História das Religiões e Religiosidades – ANPUH. *e-mail:* arturci@uol.com.br

² Mestre e graduada em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Atualmente é doutoranda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Tem experiência na área de história, com ênfase em estudos sobre morte, atuando principalmente nos seguintes temas: ritos funerários, luto, cemitérios e morte. *e-mail:* juliamtomasi@hotmail.com

cerimônia destas – o pobre defunto, todo mole, a cabeça pendendo para cá e para lá, para a frente e para os lados, os braços caídos, as pernas largadas, cercado por três ou quatro almas caridosas, de ambos os sexos, que se incumbiam da tarefa – agarra aqui, segura lá – um horror! À família poupava-se o espetáculo, tão chocante era – mas era preciso ser feito, os costumes o exigiam...

(Oswaldo Rodrigues Cabral, 1972)

A ritualização dos significados endossados socialmente é uma preocupação constante nas chamadas Ciências Sociais. Especificamente no campo da História, houve a intensificação desta preocupação há medida em que explicações generalizantes e a-históricas, como as propaladas pelo estruturalismo e pelo funcionalismo, passaram a ser criticadas na segunda metade do século XX, acompanhando a relativização dos modelos macro explicativos (BELL, 1997, p.59).

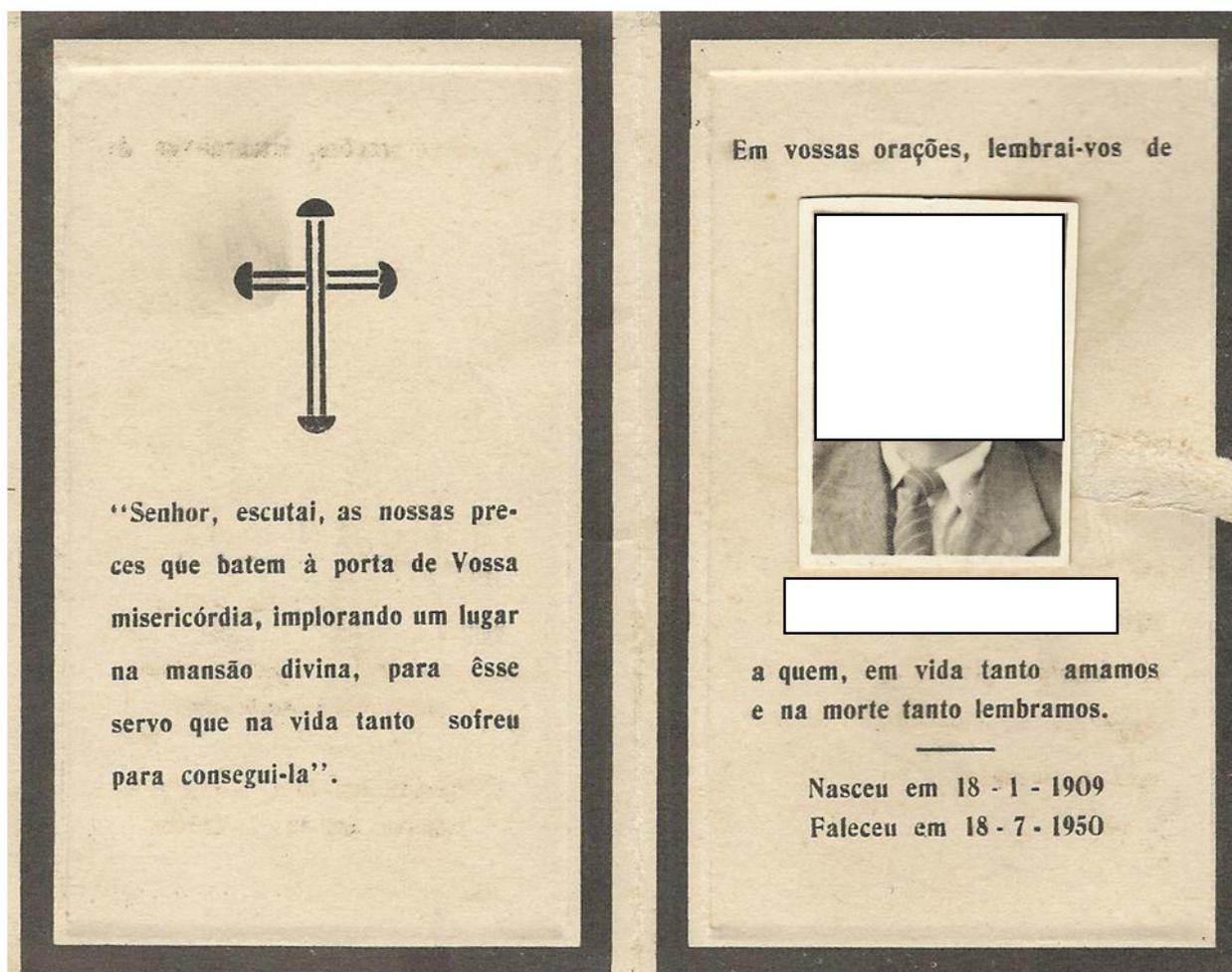
Este texto persegue a historicidade dos rituais de morte ligados ao catolicismo na Florianópolis do século XX. Neste sentido, a citação acima transcrita, do historiador Oswaldo Rodrigues Cabral, destaca a lavagem do corpo de um falecido, um dos rituais de morte presentes na cidade de Florianópolis no decorrer do século XX. Esse era um dos primeiros rituais *post-mortem*, que costumava ser realizado logo após a extrema-unção. Conforme ressalta Cabral (1972, p. 242), a tarefa de lavar o corpo do falecido era feita por pessoas de ambos os sexos, cuidados esses praticados, especialmente, por alguém próximo ao ente morto, como parentes, vizinhos ou amigos. Mas, o ato de levar o corpo do falecido não era encontrado apenas na cidade de Florianópolis, conforme destaca Mary del Priore (1997, p. 318). Para a autora, o cuidado de banhar e vestir o falecido com sua mortalha era feito em diversas regiões do Brasil, por parentes próximos ou por alguém da comunidade, já durante o período colonial.

Além de lavar o corpo do ente, pode-se elencar uma diversidade de rituais de morte católicos encontrados na Ilha de Santa Catarina, no decorrer do século XX, alguns deles bastante peculiares e incomuns em outras localidades do Brasil, como a celebração do Natal das almas do purgatório e a coberta d'alma. Assim, realizar a extrema-unção, tocar os sinos de morte, velar o corpo durante 24 horas, encomendar o morto na igreja, posteriormente enterrá-lo, avisar a comunidade sobre a morte através do obituário no jornal e entregar a lembrancinha de missa de sétimo dia³ (ver imagem 1) são alguns exemplares dos rituais fúnebres, que se caracterizam, em grande medida, pela estreita relação com a religiosidade, em especial com o catolicismo, bastante difundido entre os florianopolitanos⁴.

³ Conforme constatei na cidade de Urussanga (SC), através da minha monografia intitulada “*Morte à italiana: os ritos funerários no Município de Urussanga (SC) no decorrer do século XX*”, as lembrancinhas de morte, santinhos ou cartões de recordação, eram, até o final do século XX, entregues nas missas de sétimo dia. Nesse “cartão, o conteúdo é bastante diversificado, possuindo informações, como por exemplo, nome completo do ente, data de nascimento e morte, foto do falecido, frases que ‘sintetizem’ o que o morto foi em vida, poesias, fragmentos bíblicos, orações ou imagens sacras” (TOMASI, 2010, p. 90).

⁴ Em Florianópolis, as Irmandades desempenhavam funções essenciais no catolicismo, sendo que durante o período colonial, muitos rituais fúnebres eram controlados por elas, como, por exemplo, o aluguel dos ataúdes.

Imagem 1 – Lembrancinha de morte (ano de 1950).



FONTE: Acervo pessoal de Cely Côrtes Galloti Peixoto (2012)

Alguns desses rituais supracitados já eram praticados no século XIX, nas Freguesias de Desterro, muitos deles transmitidos hereditariamente, conforme se observa em registros encontrados em noticiários de jornais da época, ou mencionados por alguns pesquisadores, em especial pelo historiador Oswaldo Rodrigues Cabral (1972), que descreve a prática de determinados rituais fúnebres na Ilha de Santa Catarina no transcorrer dos séculos XIX e XX.

Logo após a morte do ente, muitos rituais tinham início, começando, quase sempre, pela extrema-unção, conforme enfatiza o florianopolitano Nadir João Nicolau (2012), a partir de entrevista. Em muitas localidades da ilha, em especial nas mais distantes do centro, como nos bairros do Pântano do Sul e da Lagoa da Conceição, a ausência do padre não impossibilitava a administração da unção do enfermo, visto que os capelães a faziam, sendo eles extremamente importantes nesse ritual, unguindo quase sempre o doente. Segundo o historiador João José Reis (1991, p. 106), havia um ritual pré-estabelecido pela Igreja Católica, uma vez que eram unguidas as partes do corpo do doente, como suas mãos, olhos e boca.

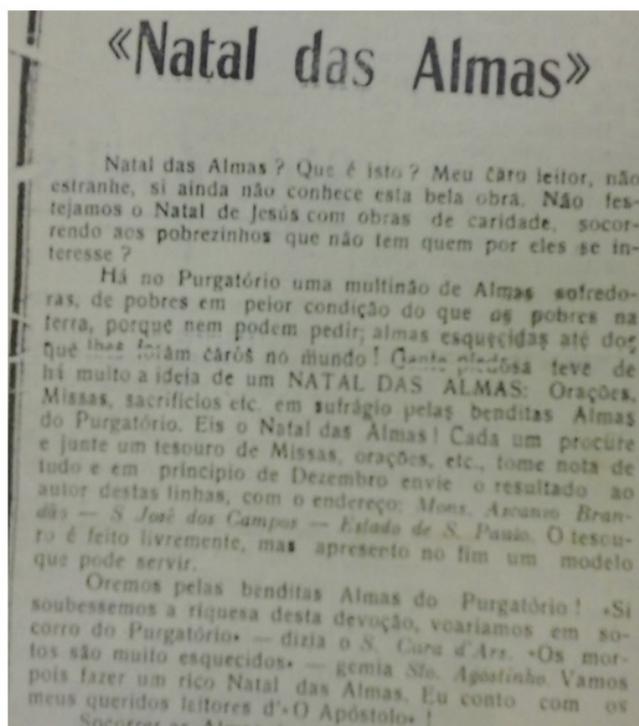
Depois de realizada a unção do enfermo, variados rituais de morte iniciavam, como o toque dos sinos da igreja, a lavagem do defunto, os velórios em casa, os extensos cortejos, a missa de encomendação da alma do morto, o enterro, a missa de sétimo dia, a coberta d'alma, o Natal das almas, dentre outros. A ordenação e a realização de cada ritual no transcorrer do século passado, segundo Nadir João Nicolau

(2012), ocorriam conforme a localidade da ilha e a religião da família do morto⁵, sendo que os rituais católicos eram os mais frequentes, em especial, no interior da cidade. Entre eles, destacam-se as missas de encomendação e de intenção ao falecido e a bênção do padre ou capelão ao morto, antes do enterro.

Outro rito fúnebre bastante encontrado na cidade era o comunicado da morte por meio dos toques dos sinos das igrejas e da publicização nas rádios e nos jornais locais, a partir dos obituários, conforme observado na notícia a seguir, extraída do jornal “A Fé”, de 31 de julho de 1906: “Necrologia - Falleceram: [...] O negociante Sr. Francisco José Pereira, cunhado do consocio Sr. José da Costa Ortiga. A exma. sra. D. Olivia Amalia de Oliveira, irmã do Sr. Christovão Candido de Oliveira. Aos distintos parentes dos finados apresentamos pesames.”

Mas, alguns ritos fúnebres, presentes em Florianópolis no decorrer do século XX, caracterizam-se pela peculiaridade, por serem virtualmente desconhecidos em outras regiões do país, além de ainda não terem sido constatados em pesquisas locais. Dentre eles está a celebração do “Natal das Almas”, uma prática difundida entre os florianopolitanos católicos, conforme constatado em diversas reportagens de jornais locais (ver Imagem 2). O “Natal das Almas” era praticado através de “Orações, Missas, sacrifícios, etc. em sufrágio pelas benditas Almas do Purgatório. [...] Socorrer as Almas é uma necessidade e uma caridade” (O APOSTOLO, 1947). Dessa forma, no mês de dezembro, eram realizadas missas, orações e sacrifícios em intenção aos entes mortos.

Imagem 2 – Notícia do Jornal “O Apostolo”, do ano de 1947, sobre o “Natal das Almas”.



FONTE: JORNAL “O APOSTOLO” (1947)

Além do “Natal das Almas”, outro rito *sui generis* que se pode destacar é a “Coberta d’Alma”, uma celebração bastante antiga, já realizada no século XIX, na cidade de Desterro, que consiste na doação das roupas do falecido para alguém da comunidade, em especial para os mais pobres, conforme salientado no

⁵ Além do catolicismo, muitos moradores da cidade de Florianópolis pertenciam a outras religiões, como o protestantismo e o candomblé, possuindo ambas rituais particulares de morte.

depoimento de Nadir João Nicolau (2012).

Além desses, uma dezena de outros ritos eram realizados na cidade. Mas, afinal, qual o significado para a palavra rito? Essa carrega consigo diferentes sentidos e representações, podendo perpassar os diversos âmbitos, como celebrativo, religioso, de passagem, de memória e de separação. Praticados por um só indivíduo ou coletivamente, os ritos são constituídos “de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios” (PEIRANO, 2003, p.11), não sendo definitivos e fossilizados. Portanto, os ritos são transformados com o passar dos anos, em um produto das sociedades que os inscrevem, de forma que alguns rituais podem desaparecer e depois de algum tempo ressurgir, como destaca Martine Segalen (2002, p. 148).

Para os pesquisadores da metade do século passado, em especial os antropólogos que discutiam densamente os ritos por meio dos estudos das sociedades “exóticas e primitivas”, não havia uma definição fixa e reconhecida para os rituais (SEGALEN, 2002, p. 14). No entanto, para os pesquisadores de hoje, muitos são os sentidos que a palavra rito pode trazer, já que estão presentes em variadas fases de nossas vidas, desde o momento em que “amamos e fuzilamos, quando nascemos e morremos, quando noivamos ou casamos, quando ordenamos e oramos. Os rituais revelam os valores mais profundos do comportamento humano” (CARVALHO, 2010).

Entre esses diversos rituais, estão os relacionados com a morte de uma pessoa. Preparar o corpo do morto, realizar um cortejo fúnebre, velar, enterrar ou cremar o falecido e visitar o cemitério no Dia de Finados são alguns dos variados rituais funerários presentes no decorrer dos séculos. O ato de ritualizar o falecido é um meio criado para dar sentido à morte do ente querido, e também a nossa própria morte, sendo o ritual funerário próprio do ser humano, não existindo outro animal que ritualize seus mortos, de modo que sua ausência total é uma falta de humanidade, conforme apontam Hannezel e Leloup (1999, p. 128).

Presentes desde a Antiguidade, como as cerimônias de oferenda aos defuntos na China e Egito, os ritos funerários foram posteriormente introduzidas pelos árabes no século VIII, e levados à Península Ibérica. Mas, anteriormente a isso, segundo Delci Torres (2006), os *neandertais* já praticavam os rituais fúnebres, sendo os primeiros homens a realizá-los através de suas crenças na ideia de que a morte não se caracterizava como o fim, mas sim era uma transição entre o mundo dos vivos e o reino espiritual. Percebe-se, então, que a história dos ritos fúnebres é tão antiga quanto a própria aparência do homem na terra (TORRES, 2006).

Porém, no decorrer da história, os ritos de morte modificaram-se. Segundo o historiador Philippe Ariès (2003, p. 34-35), a morte no ocidente era até o final do século XVIII, uma cerimônia pública e bastante organizada. O quarto do doente era um espaço visitado por todos, tanto adultos quanto crianças, não havendo “representação de um quarto de moribundo até o século XVIII sem algumas crianças”, característica esta bastante diferente se comparada à contemporaneidade. O momento antecedente à morte era familiar, sendo fundamental a presença dos parentes e amigos no quarto do moribundo.

Adentrando o século XIX, vemos uma mudança bastante significativa relacionada aos rituais de morte ocidentais, em especial nos de separação entre morto e sobrevivente. A simples ideia da morte comovia, de maneira que a dor e a emoção dos que ficavam eram demonstradas por choros, gritos e súplicas (ARIÈS, 2003, p. 67). Com isso, para as pessoas que perdiam o ente, os rituais fúnebres eram bastante importantes, como o contato e interação com a comunidade no momento do velório ou enterro, que acabavam, em grande medida, amenizando a dor causada pela perda.

Já no século XIX, e ainda no XX, os rituais de morte nos países católicos do ocidente se faziam presentes em diferentes lugares, como se pode observar em Florianópolis. Conforme já mencionado anteriormente, o rito iniciava, quase sempre, pela extrema-unção, que é o sacramento administrado pelo padre ao moribundo. Em seguida, costumava-se repicar os sinos de morte da igreja, enquanto o corpo já era preparado em casa, para posteriormente ser velado. O velório em casa era um rito longo, durando aproximadamente um dia, de modo que parte da comunidade comparecia a tal ritual, sendo servidas refeições em muitas ocasiões. Esse era, sobretudo para os florianopolitanos católicos, um momento de orações e preces ao ente morto.

Depois de realizado o velório, o corpo costumeiramente era levado à igreja mais próxima ou diretamente ao cemitério, através dos extensos cortejos a pé, ou em carro de boi, para serem realizadas as celebrações na igreja, como a encomendação ou missa de corpo presente. Posteriormente, costumava-se iniciar a ritualização do enterro nos cemitérios secularizados⁶ de Florianópolis, que estão localizados, principalmente, ao lado das igrejas, como o cemitério de Santo Antônio de Lisboa. No cemitério, era aberta uma cova ou construída uma sepultura para receber o corpo do falecido. Esse local era quase sempre consagrado pelo padre, sendo proclamadas, juntamente, as orações da boa morte⁷. No enterro, era dado o último adeus ao ente querido, de forma que os choros e comoções eram habituais nesse ritual.

Após o enterro, ocorriam os rituais *post-mortem*, como as práticas de luto, a Coberta d'Alma e as missas em intenção ao falecido, como a de sétimo dia e a de um ano de morte. Nos primeiros meses, as visitas dos familiares e amigos à casa do enlutado eram frequentes, como também a utilização das vestimentas pretas e a intervenção na vida social dos florianopolitanos enlutados, pois os familiares mais próximos não costumavam participar de festas locais.

Além das práticas do luto, era comum a visitação à sepultura do falecido, ritual presente no ocidente desde o século XVIII. Costumam-se levar flores e velas, visitando-se a sepultura do ente morto como se fosse “a uma casa própria, cheia de recordações. A recordação confere ao morto uma espécie de imortalidade [...] Aí se recolhem, ou seja, evocam o morto e cultivam sua lembrança” (ARIÈS, 2003, p. 75).

Em suma, durante o século XX, muitos eram os rituais de morte, variando suas práticas conforme a região da ilha e o período, além da religião dos familiares do morto, sendo que os adultos e as crianças costumavam participavam dessas práticas fúnebres, tanto familiares como amigos do ente. Uma característica que se pode salientar é que muitos destes ritos fúnebres estão estreitamente relacionados com as benditas almas do purgatório⁸, sendo que alguns deles são realizados para auxiliar mesmas, visto que essas, segundo reportagem do Jornal O Apostolo, de 1º de novembro de 1947, “dependem de nós, da Caridade de nossos sufrágios. [...] quem ouve seus gemidos? Longe da vida, longe do coração...condenadas a sofrer talvez longos anos.” Assim, para muitos florianopolitanos católicos, rezar uma missa pelos mortos e visitar o cemitério no Dia de Finados eram meios de interceder pelas almas dos entes, que ainda se encontravam

⁶ Os cemitérios secularizados, também conhecidos como convencionais, caracterizam-se, geralmente, pela “presença de sepultamentos realizados em construções funerárias, como túmulos ou mausoléus, podendo também aparecer na forma de cova simples, fora do espaço interno das igrejas” (CASTRO, 2008b, p. 4).

⁷ Dentre as orações da boa morte que o padre e a comunidade costumeiramente rezavam, estão: a “Oração pelas Almas do Purgatório”, a “Oração pelos falecidos”, a “Oração por uma morte feliz” e o “Salmo 50 (*Miserere*).

⁸ O purgatório caracteriza-se, para o catolicismo, como um estágio que os mortos passam, antes de chegarem ao céu ou inferno, sendo raros os mortos que não passam pelo purgatório e que são conduzidos diretamente ao céu. Segundo Jacques Le Goff (1995, p. 18), o Purgatório foi instaurado entre 1150 e 1250, sendo um lugar de punição, de modo que as almas lá presentes passaram a depender da eficácia e intensidade das orações dos vivos.

no purgatório.

Entretanto, na segunda metade do XX, muitos dos ritos funerários sofreram alterações ou deixaram de ser praticados em Florianópolis, como se observa também em diversas partes do mundo. A variedade de rituais, tão presente na vida dos florianopolitanos, foi se perdendo, juntamente com o sentido da morte, que se tornou, em grande medida, inominável. Tal atitude de interdição diante da morte, segundo Ariès (2003, p. 91), iniciou-se nos Estados Unidos⁹ após a Primeira Guerra Mundial, sendo um meio para os que ficavam, como os familiares do falecido, de preservarem sua felicidade, e desviarem do sofrimento que a morte causa. A morte acabou, em muitos casos, “reprimida”, e a sociedade (como amigos e vizinhos) que anteriormente estava ao lado da família do morto, se ausentou em quase todas as práticas.

Alguns dos antigos rituais ainda persistem em localidades do interior, como o toque dos sinos de morte e os velórios dentro de casa, porém, a variedade antes existente, como realizar um cortejo fúnebre, foi na expressão de José Carlos Rodrigues (2006, p. 163) negligenciada, transformando-se a morte e seus rituais em verdadeiros tabus.

Juntamente com a interdição da morte íntima, percebe-se, na contemporaneidade, um afastamento dos rituais fúnebres. Mesmo que muitos ritos tenham perdurado no final do século passado e início do XXI, deve-se salientar que muitos deles “foram esvaziados de sentimento e significado; as formas seculares tradicionais de expressão são pouco convincentes” (ELIAS, 2001, p. 36), como se percebe com o momento do enterro. Anteriormente, tão importante para os familiares e amigos do falecido, visto ser o momento mais extremo de separação entre os que ficavam e o falecido, como antes descrito, o enterro cessou de ser um “espetáculo familiar” no transcorrer do século XX.

Outra transformação dos ritos funerários a partir da metade do século XX é o fato de que muitos adoentados passaram a morrer nos hospitais e clínicas e não mais em casa, junto dos familiares e amigos, como nos séculos passados. Tal característica representa um deslocamento do lugar da morte, já que ela sai da casa, espaço “onde sempre vivera o moribundo, lá onde estavam as suas raízes, as suas lembranças, os seus familiares e os seus pertences, para um espaço de anonimato, para um ambiente frio, vazio e desconhecido: a solidão do quarto de hospital” (CORRÊA, 2008, p. 23).

Mas, no final do século XX e na primeira década do XXI, alguns dos antigos rituais de morte ainda persistiram na cidade de Florianópolis, como o dia de finados¹⁰, também conhecido com dia dos mortos. Nos países ocidentais católicos, esse é um dia de intensa visitação ao cemitério, e de ritualização nas sepulturas dos falecidos, como no México, país que mais cultua essa data. Para os mexicanos, o “dia dois de novembro é consagrado aos defuntos fiéis, que são os mortos adultos” (REZENDE, 2007, p. 16).

No Brasil, tanto nas áreas rurais quanto urbanas, os cemitérios tornam-se, no dia de finados, um ambiente movimentado, enfeitado e colorido, com a variedade de flores e velas. Nos dias que antecedem a

⁹ Nos Estados Unidos, segundo Júlio de Queiroz (2008, p. 50), o morrer deve ser banido do viver social, sendo que “estar doente é apenas uma ocasião para demonstrar que se pode sarar, e, nesse país, a morte não tem sentido”.

¹⁰ O dia de finados (02 de novembro), que se caracteriza pela visitação aos cemitérios, é um ritual fúnebre que teve início apenas no século XIX, sendo bastante comemorado no Ocidente Católico. Esta data, no entanto, foi derivada de um evento que já acontecia há séculos, conhecido como dia de todos os mortos, que eram orações realizadas para as almas do purgatório (REZENDE, 2007, p. 16). Segundo Michel Vovelle (2010, p. 27), a celebração do dia 02 de novembro como comemoração dos mortos foi instaurada pela Igreja, sob influência da ordem de Cluny, entre os anos de 1024 e 1033.

data, muitos familiares e amigos dos falecidos costumam visitar o campo-santo para arrumar a sepultura¹¹, lavando-a, pintando-a e depositando os ritos, como as flores naturais e artificiais e as velas. Os cemitérios de Florianópolis recebem pessoas de variadas religiões e localidades, sendo que muitos cemitérios da ilha tornam-se dia 2 de novembro um espaço de sociabilidade e de reencontro com amigos e parentes distantes há anos, como ocorre no Cemitério do Itacorubi.

Imagem 3 – Dia de Finados no Cemitério do Itacorubi, em Florianópolis, no ano de 2011.



FONTE: NAUI UFSC (2012)

Vê-se, portanto, que o dia de Finados foi e permanece sendo extremamente importante para muitos dos florianopolitanos, em especial para os católicos, já que novembro é considerado o mês das benditas almas do purgatório, conforme apresentado em uma publicidade do jornal “O Apostolo”, de 1º de novembro de 1947.

Imagem 4 – Propaganda do Jornal “O Apostolo”, do ano de 1947, sobre o mês das benditas almas do purgatório.



FONTE: JORNAL “O APOSTOLO” (1947).

¹¹ Nos últimos anos, esses ritos de preparação da sepultura do falecido, como limpar, lavar e pintar o túmulo, estão saindo do âmbito familiar e sendo realizados por pessoas pagas para tais funções, de modo que muitos indivíduos estão se especializando na execução de tais serviços no interior dos cemitérios.

Enfim, conforme salienta Roberto DaMatta (1997, p. 146), o dia de Finados ou dia dos mortos, é uma data que no Brasil tem imensa popularidade,

ocasião em que, todas as família visitam o cemitério e lembrar os ‘seus mortos’ mais queridos ou mais recentes. Vivemos em um universo onde os vivos têm relações permanentes com os mortos e as almas voltam sistematicamente para pedir e ajudar, para dar lições de humildade cristã aos vivos, mostrando sua assustadora realidade.

Entretanto, no restante do ano, o cemitério, de local para sepultar e ritualizar o ente falecido tornou-se um espaço invisível, bastante esquecido, como se observa no Cemitério do Itacorubi. Assim, mesmo “situados ao lado ou no limite de aglomerado [...] ou circundados por vias de tráfico, linhas de ônibus, os cemitérios passam quase sempre despercebidos à população urbana de nossos dias” (CORRÊA, 2008, p. 16-17, sem sublinhado no original).

Além das modificações e permanências dos antigos rituais fúnebres, novos foram introduzidos nas cidades ocidentais, no final do século XX, como se percebe na cidade de Florianópolis. O morto é a partir de então, em muitos casos, maquiado, disfarçando seu aspecto e aparência mórbida, através da toalete fúnebre, que tenta de alguma forma conservar no corpo do morto a sua fisionomia familiar e alegre que tivesse durante a vida¹². E o falecido, raramente velado em casa durante 24 horas, pode agora ser exposto por algum tempo, como algumas horas, nas casas e capelas velatórias.

Outra especialidade relacionada aos rituais de morte na contemporaneidade é que esses deixaram de ser realizados, em grande medida, pelos familiares e amigos do morto, e passaram a ser feitos por pessoas e empresas especializadas, sobretudo as funerárias. Tais empresas promovem, em muitos casos, um discurso de eufemismos, que tenta neutralizar as palavras que suscitem a lembrança da morte e de seus rituais, como “‘ataúde’ no lugar de caixão, ‘féretro’ significando corpo, ‘corpo’ no lugar de cadáver” (RODRIGUES, 2006, p. 179).

O mesmo afastamento da morte e de seus rituais ocorreu no final do século XX nos cemitérios, como nos cemitérios jardins, também conhecidos como cemitérios parques¹³, que contiveram os traços mórbidos, dando a impressão ao visitante de estar em um parque, sem a presença das ornamentações, como as esculturas de anjos e cruzes, tão comuns nos cemitérios secularizados. Nesses cemitérios, como o Jardim da Paz, de Florianópolis, as sepulturas trazem pouca identificação de quem é o falecido, com apenas uma lápide com seus dados e, às vezes, um epitáfio¹⁴, isto quando as sepulturas não são totalmente “anônimas”. E são proibidas as variadas formas de ritualizar e homenagear os mortos em alguns cemitérios jardins, como depositar objetos pessoais do falecido sobre a sua sepultura — os conhecidos cultos populares.

Além do ato de sepultar o corpo do morto nos cemitérios, contemporaneamente e no decorrer da história, outros destinos foram dados ao corpo do ente querido, depois de realizado o ritual de velório.

¹² Nos Estados Unidos, segundo Roberto Da Matta (1997, p. 138), “o cadáver tem que ser disfarçado (maquiado, embalsamado e colocado num caixão acolchoado e acetinado que lembra uma cama confortável)”, pois, para tal autor, a sociedade contemporânea é intensamente egoísta, com um credo individualista.

¹³ Os cemitérios jardins ou parques são caracterizados pela “concepção cemiterial com túmulos praticamente ocultos na paisagem, cercados de verde e flores, como em um jardim” (CASTRO, 2008a, p. 52). Os cemitérios jardins foram criados nos Estados Unidos, sendo que o primeiro cemitério parque do Brasil foi o Cemitério da Paz em São Paulo, no bairro do Morumbi, criado em 1965, de origem protestante (REZENDE, 2007, p. 24-25).

¹⁴ Os epitáfios são frases que sintetizam o que o morto foi em vida, mensagens de saudade deixadas pelos familiares e amigos, como também fragmentos bíblicos. Essas inscrições, como “Saudades eternas” e “Descanse em paz”, costumam estar presentes na lápide, junto dos dados sobre o falecido.

Entre eles, podem-se destacar a cremação, o enterro e o embalsamamento, sendo as duas primeiras os mais presentes nos países ocidentais. A cremação foi condenada por séculos entre os cristãos, por ser considerada uma prática realizada apenas por bárbaros pagãos, sendo inclusive um castigo especial para alguns criminosos (RODRIGUES, 2006, p. 102). Porém, nas últimas décadas, a cremação vem ganhando espaço, como se verifica através da criação de crematórios em Santa Catarina, com fornos importados da Europa, quando não produzidos no Brasil, como o forno do Crematório Ecumênico de Blumenau, produzido pela empresa Fornos Jung, também de Blumenau¹⁵.

Pôde-se então perceber que os rituais fúnebres transformaram-se em Florianópolis e em diversas partes do Brasil no final do século XX. Anteriormente, a morte era para os indivíduos, fossem crianças, jovens e idosos, mais familiar e presente, o que não significa dizer que ela era mais pacífica¹⁶, como enfatiza Norbert Elias (2001, p. 21). Os mortos e a morte eram temas presentes no cotidiano das pessoas, como nas rodas de conversas e na literatura¹⁷. Contudo, contemporaneamente, com as inovações da medicina e a expectativa de vida cada vez maior, a morte e seus rituais foram sendo adiados, de forma que o “espetáculo da morte não é mais corriqueiro” (ELIAS, 2001, p. 15), sendo criada, inclusive, no ano de 1949, a “máquina de parar a morte”, conforme lembra Edgar Morin¹⁸ (1997, p. 325).

De tal modo, como enfatiza a historiadora Arlette Farge (2011, p. 15), por meio da análise de alguns trabalhos de autores contemporâneos sobre o sofrimento, em especial Ariès, Vovelle e Favre, a morte apresentava-se como sendo “mais ‘vivível’ outrora do que hoje, porque então era acompanhada, ritualizada, simbolizada, enquanto que o século XX, dizia-se, faz viver a morte num sofrimento que não pode se esgotar em nenhum rito e que se efetua no vazio hospitalar”.

Logo, para Zygmunt Bauman (1998, p. 194), vive-se atualmente tão ocupado que “tentando observar todas as prescrições e proscricções que a medicina moderna propõe, pensamos menos, se tanto, na vaidade suprema dessa observância. O resultado da desconstrução é que o inimigo invisível, a morte, desapareceu de vista, e do discurso”. Como destaca François Hartog (2003, p. 27), notamos, nas últimas décadas, a extrema valorização da juventude e o retardamento dos sinais da velhice com plásticas, particularidades essas do presente, que se caracteriza como hipertrofiado e alargado¹⁹. E o medo da morte foi intensificado no século passado, de modo que os vivos, mesmo os idosos, se identificam menos com o adoecer,

¹⁵ Para saber mais, ver: <<http://www.cemiteriosaojose.com.br/forno/historia>>. Acesso em 13 maio. 2013.

¹⁶ Neste sentido, conforme lembra Arlette Farge (2011, p. 16), a familiaridade com a morte e o morrer “não impede nem a dor nem o pavor, e cada época, cada cultura, cada classe social ou grupo sexual tem palavras para clamar o escândalo, para dizer seu medo, para abafar sua mágoa. As práticas, os ritos, as crenças em torno da morte não impedem de maneira alguma o sentimento do arrancamento. Este tem formas, palavras, modos de expressão que têm implicações sociais e políticas e que pertencem plenamente à história”.

¹⁷ A morte e os mortos eram temas de obras inteiras, “como as de Barrès, Loti, Maeterlinck, Mallarmé, Rilke, [...] marcadas pela obsessão da morte”, conforme destaca Edgar Morin (1997, p. 286). Já na contemporaneidade, escrever sobre a morte ou mesmo pesquisá-la é visto como tabu por muitos leigos e pesquisadores.

¹⁸ Ainda, segundo Edgar Morin (1997, p. 325-327), esta famosa máquina de “parar a morte” é apenas um exemplo dos variados caminhos da ciência, que vão contra as ideias de que o paciente pode ou vai morrer, de modo que todos “os métodos de luta contra a enfermidade se prolongam em métodos de luta contra a velhice”.

¹⁹ Essas são características do presentismo, o atual regime de historicidade, conforme conceitua François Hartog (2003, p. 27). Segundo tal autor, o ocidente vivencia uma ênfase crescente no presente, de modo que o futuro, anteriormente tão evocado, ocupa cada vez menos lugar quando comparado ao presente: é o presente e nada além do presente. Este presente se caracteriza como “massivo, invasor, onipresente, que não tem outro horizonte além dele mesmo, fabricando cotidianamente o passado e o futuro do qual ele tem necessidade. Um presente já passado antes de ter completamente chegado. Mas, desde o fim dos anos 1960, este presente se descobriu inquieto, em busca de raízes, obcecado com a memória.” (HARTOG, 2006, p. 270). Enfim, como bem sintetiza Hartog (2006, 272), vivemos em um presente que, por não ter passado e futuro, ele os gera.

idealizando, em muitos casos, a imortalidade e a ideia de que a morte está distante.

Considerações finais

Em síntese, observou-se uma variedade de abordagens da temática dos rituais de morte na contemporaneidade em Florianópolis, como sua diversidade e a visível transformação no transcorrer do século XX, aqui expostas brevemente. Entretanto, essas ainda são pouco estudadas, vistas como tabu por muitos pesquisadores, tendo o historiador pouco se ocupado desses assuntos. Assim, mostra-se necessária uma atenção especial do historiador, para que os temas e as fontes aqui destacados possam ser levantados e pesquisados, já que, como bem sintetiza Durval Muniz de Albuquerque Junior (2009, p. 9), o historiador na pós-modernidade é alguém que “de posse das latas e garrafas vazias das grandes promessas da história, agora atiradas num canto, amassadas, enferrujadas, chutadas sem cerimônias pelos passantes, as submete a um trabalho de reprensagem, de releitura, de redefinição de sentido e utilidade”.

Portanto, pesquisar a morte na contemporaneidade pode parecer mórbido para muitos leigos e pesquisadores, como se verifica através de um questionamento bastante presente aos historiadores desse campo de pesquisa: por que estudar um tema ainda tão tabu e distante das linhas habitualmente pesquisadas na historiografia brasileira? Aliás, como se pôde perceber, das pesquisas sobre a temática da morte, como em congressos nacionais e internacionais nas áreas de história, sociologia e antropologia, sobretudo os estudos a respeito dos rituais de morte, esses são escassos, quando não ausentes nas abordagens de pesquisa. Compreende-se, então, que os rituais fúnebres católicos, em diversas áreas do conhecimento, possuem distintos caminhos a serem estudados, englobando este artigo, apenas algumas abordagens dos ritos mortuários católicos presentes em Florianópolis na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

A FÉ, Florianópolis, nº 127, ano III, 31 jul. 1906. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (BPESC).

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. O Tecelão dos Tempos: o historiador como artesão das temporalidades. *Revista Eletrônica Boletim do Tempo*, Rio de Janeiro, Ano 4, nº19, 2009. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/o_tecelao_dos_tempos.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2013.

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BELL, Catherine. *Ritual. Perspectives and Dimensions*. New York-Oxford: Oxford University Press, 1997.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro*: Notícia I e II. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1972.

CARVALHO, William Almeida de. O rito de iniciação: Uma abordagem antropológica. *Monografias Maçônicas Revista de Maçonaria*, 2010. Disponível em: <<http://www.freemasonsfreemasonry.com/1carvalho.html>>. Acesso em: 08 maio. 2013.

CASTRO, Elisiana Trilha. *Aqui também jaz um patrimônio*: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC, 1962-2008). 2008. 210 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Centro Tecnológico - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008a.

_____. Patrimônios da finitude: O inventário como ferramenta de preservação cemiterial. In: III Encontro Nacional da ABEC, 2008, Goiânia. *Anais do III Encontro Nacional da ABEC*, 2008b.

CORRÊA, José de Anchieta. *Morte*. São Paulo: Globo, 2008.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FARGE, Arlette. *Lugares para a história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

HANNEZEL, Marie de; LELOUP, Jean-Yves. *A arte de morrer*: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36: p. 261-273, Jul/Dez 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v22n36/v22n36a02.pdf>>. Acesso em 27 abr. 2013.

_____. Tempo, História e a escrita da História: a ordem do tempo. *Revista de História*, n. 148, São Paulo, 1º. Sem. 2003, p. 09-34.

LE GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*. 2.ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

LEMBRANCINHA de morte de Tito José Peixoto, 1950. Acervo pessoal de Cely Côrtes Galloti Peixoto (2012).

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.

NICOLAU, Nadir João. *Entrevista concedida a Julia Massucheti Tomasi*. Florianópolis, 07 set. 2012. Entrevista.

O APOSTOLO, Florianópolis, nº 417, ano XIX, 1º nov. 1947. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (BPESC).

PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

PRIORE, Mary del. Ritos da vida privada. In: SOUZA, Laura de Mello e. *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. 1 v. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 523 p.

QUEIROZ, Júlio de. *Morrer para principiantes: ensaios*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolução popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. *Cemitérios*. São Paulo: Editora Necrópolis, 2007.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da Morte*. 2 ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

TOMASI, Julia Massucheti. *Morte à italiana: os ritos funerários no município de Urussanga (SC) no decorrer do século XX*. 2010. 120 p. Monografia (Graduação em História) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

TORRES, Delci. Ritos de paso: Ritos funerarios (La búsqueda de la vida eterna). *Paradigma*, 2006, vol 27, nº 1. Disponível em: <http://www.scielo.org.ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1011-22512006000100013&lng=es&nrm=iso&tlng=ES>. Acesso em: 14 abr. 2013.

VOVELLE, Michel. *As almas do purgatório, ou, o trabalho de luto*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

